



A BALADA DO VELHO MARINHEIRO multilíngue

Gratuito para fins educacionais

A balada do velho marinheiro, a história do poema e de suas traduções

Daniel Serravalle de Sá & Gisele Tyba Mayrink Orgado

“*The rime of the ancient mariner*” ou “A balada do velho marinheiro”, poema narrativo que abre a primeira edição da coletânea *Lyrical Ballads* (1798),¹ é o mais longo e emblemático poema de Samuel Taylor Coleridge; contendo sete partes e 625 versos, é considerado um dos marcos inaugurais do Romantismo inglês. Valendo-se de antigas formas da poesia popular – pois a balada tem origens medievais – o poema narra a incrível história de um marujo que, sem motivos, mata com uma flecha de sua besta um albatroz que acompanhava o navio, provocando a perdição de sua nau e de toda a tripulação.

Em 2018, “A balada” completa 220 anos da sua primeira publicação e a sua permanência na cultura popular pode ser verificada nas inúmeras alusões, homenagens e paródias que possui.² O albatroz, o navio fantasma, o velho marinheiro sentenciado a vagar pelo mundo consumido pela angústia que o impele a relatar sua história funesta (que Harold Bloom interpreta à luz da narrativa do judeu errante) são elementos que até quem nunca leu o poema poderá reconhecer. O conjunto de referências, símbolos e imagens literárias presentes nos versos inspirou a imaginação de artistas em diferentes épocas, que recriaram e disseminaram seus elementos temáticos em outras artes.

Uma nova linguagem poética

Se hoje “A balada” desfruta de uma posição canônica dentro da literatura mundial, com repercussões nas artes gráficas, no teatro, no cinema e na música, essa reputação foi construída de modo gradual. Elinor Shaffer e Edoardo Zucatto explicam que o trabalho de Coleridge demorou para ser reconhecido fora dos países anglófonos por duas razões: a primeira é que só no século XX a obra completa de Coleridge foi consolidada por meio de pesquisas que editaram e compilaram seus textos. A outra razão é que as relações de Coleridge com a Europa costumam ser estudadas à luz das apropriações que ele fez de pensadores europeus, sendo uma das principais fontes a filosofia idealista alemã,³ a qual confere à subjetividade um papel essencial na experiência humana. Coleridge teria feito uma leitura estética desses conceitos filosóficos, principalmente no que diz respeito à centralidade da imaginação e da fantasia, atribuindo formas literárias às teses do idealismo alemão. Para Coleridge, a poesia é uma forma de pensamento que não é possível de ser pensada de outro lugar, e o que o poeta almeja é justamente promover a coincidência entre pensamento e poesia.

1 A coletânea *Lyrical Ballads* e seu famoso prefácio inaugura um novo idioma poético que viria a ser chamado de romântico. Planejado em conjunto por S. T. Coleridge (1772-1834) e William Wordsworth (1770-1850), a origem do volume remonta às caminhadas que os amigos faziam em Alfoxton para discutir a poesia do passado e do presente. As conclusões a que chegaram, mais expressas na voz de Wordsworth do que na de Coleridge, estabeleceram os fundamentos da poesia moderna. O trabalho de Wordsworth predomina no livro, ele escreveu dezenove poemas e Coleridge apenas quatro, entretanto, “*The rime of the ancient mariner*” talvez seja o poema mais lembrado da coleção.

2 “A balada do velho marinheiro” foi ilustrada por desenhistas talentosos como David Scott (1837), Gustave Doré (1877) e David Jones (1929). O livro de W.H. Auden, *Look, Stranger* (1936), parece um eco do “listen, stranger!” do marinheiro. Anos depois, a banda Iron Maiden fez uma releitura musical do poema no álbum *Powerslave* (1984). A banda Nightwish cita o poema na música “Sahara”, do álbum *Dark Passion Play* (2007). Em 2012, a banda Tiger Lillies fez um álbum baseado no poema.

3 No contexto das teorias do conhecimento e da filosofia especulativa, a palavra idealismo significa que as propriedades ou características de determinados objetos dependem da maneira como os percebemos. Em outras palavras, as coisas não possuiriam uma propriedade *per se*, existindo apenas enquanto funções dentro de um conjunto de operações mentais e experiências individuais. A própria noção de uma “coisa em si”, ou seja, as propriedades físicas ou intrínsecas de um objeto (exterior à mente), é um ponto de discussão no âmbito da tradição idealista. Alguns dos principais pensadores desse movimento foram Johann Gottlieb Fichte, Schelling e Friedrich Georg Wilhelm Friedrich Hegel e, de uma posição contrária, Immanuel Kant.

Por ser deliberadamente experimental com a linguagem e repleto de incidentes sobrenaturais, “A balada” não obteve uma boa recepção quando foi publicada no final do século XVIII.⁴ O poema foi criticado devido ao seu vocabulário rebuscado e dicção arcaica, o que é irônico, pois, hoje é um consenso que o estilo inovador do poeta foi decisivo para a gênese e ascensão do Romantismo na Inglaterra. Enquanto releitura da tradição bardística medieval, as formas utilizadas por Coleridge (métrica, rimas, aliterações) causaram estranheza aos leitores da época, que ainda estavam acostumados com a poética neoclássica. O poeta iria esclarecer depois quais eram as suas ideias ao lançar uma obra que ia de encontro à literatura produzida no período, a qual ele considerava envolta em uma aura de artificialidade que regia não somente as expressões artísticas, mas, também, o estilo de vida das pessoas. O próprio título escolhido para a coletânea *Lyrical Ballads* já configurava uma certa controvérsia, pois a associação do termo “balada” (de extrato popular, narrativo, dramático) à expressão “lírica”, consistiria em uma aliança entre diferentes formas de poesia. De certo modo, a escolha é uma afronta aos velhos cânones, pois, na poética neoclássica os gêneros literários são considerados herméticos e não favoráveis a hibridismos.

Além disso, as histórias inverossímeis do velho marinheiro e o seu próprio caráter também geraram questionamentos, pois, é em decorrência de um ato de violência gratuita que o marinheiro e seus companheiros são acometidos por uma série de desgraças, inclusive um pesadelo gótico repleto de visões marinhas espectrais e a aparição de um barco fantasma. Esse interesse pelo sobrenatural e pelo místico – também presente nos poemas “Kubla Khan” e “Christabel” – é uma outra característica do revivalismo da poesia e dos mitos da Idade Média, um período histórico desprestigiado pelo racionalismo iluminista. Para os românticos, todavia, a Idade Média representava um período social e cultural que se contrapunha às tendências individualistas do liberalismo europeu em ascensão. Nessa recriação poética, a Idade Média foi idealizada como a era de gestação das nacionalidades europeias, ainda imaculadas e sem qualquer influência alheia. A arte medieval era considerada uma expressão natural e genuína do espírito do povo de cada lugar, independentemente de regras, modelos e deformações racionalistas.

Ao longo dos versos do poema, as referências religiosas são frequentes e uma das possíveis formas de interpretação da narrativa se dá pela revelação divina, materializada na forma de um imaginário cristão que desperta no leitor emoções diversas e fornece uma espécie de código de valores morais, ressaltando o conceito de pecado e castigo, com base em ações e suas consequências. De modo que, uma leitura corrente de “A balada” é desenvolvida a partir de sua simbologia cristã, com destaque para as alegorias religiosas do poema. Essa forma de interpretar o poema também estabelece conexões com o universo religioso medieval, nas quais elementos como o albatroz morto se torna uma cruz, que é pendurada no pescoço do marinheiro. Ainda dentro dessa leitura, o enredo apresenta uma sequência de acontecimentos que encerram: crime, pecado, queda, culpa, penitência, purgação e redenção. Interpretado à luz de uma visão teológica-medieval, a solução moral que o poema apresenta pode ser resumida na angústia que impele o marinheiro a relatar sua tragédia e ensinar o amor pelas criaturas de Deus.

O crítico Robert Fowke (2010), por sua vez, remonta as origens do poema ao início do período moderno, mais especificamente à Época de Ouro da pirataria (1650-1730) e, em particular, à história de um marinheiro chamado Simon Hatley, que navegou durante a era dos bucaneiros e corsários, setenta e oito anos antes do poema de Coleridge. Hatley, que foi preso duas vezes pela Inquisição e se viu acusado de pirataria, participou de uma das mais perigosas aventuras marítimas do início do século XVIII, que foi a travessia do Cabo Horn, conhecido como o fim do mundo.

4 Para entender melhor a recepção do poema em sua época e contexto, ver análise de Rosemary Ashton. *The Life of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford: Blackwell, 1996.

A bordo do navio *Speedwell*, Hatley saiu de Plymouth, em 13 de fevereiro de 1719, sob comando do capitão George Shelvocke, em direção ao Pacífico Sul, para lutar contra os espanhóis, por ocasião da Guerra da Quádrupla Aliança – inclusive esse navio fez uma parada em Florianópolis para abastecimento. Na história relatada pelo próprio capitão Shelvocke em seu livro *A Voyage round the World by way of the Great South Sea* (1726), Simon Hatley teria abatido um albatroz negro durante a passagem pelo ponto extremo da América do Sul, um lugar intrigante e melancólico. Quase oito décadas depois, o episódio se tornaria a inspiração para o enredo central de “A balada” de Coleridge.⁵

Misturando o épico e o trágico, o poema revisita temas e imagens do imaginário medieval, simbologias e alegorias do cristianismo e também faz referência às grandes navegações do século XV e XVI, que na época de Coleridge já constituíam um pastiche – para o leitor do século XVIII, a viagem insólita do velho marinheiro, ambientada nos mares sinistros do Atlântico Sul, já era algo do passado. Em virtude das muitas críticas que enfrentou, relacionadas à sua linguagem poética inovadora e suas referências pseudomedievais, Coleridge foi forçado a rever o poema em 1815 e, na reedição de 1834, além da revisão de algumas estrofes, ele inseriu glosas (elementos paratextuais) em prosa à margem esquerda do texto, explicando o que acontecia em cada momento do poema. Essa edição com os comentários explicativos se tornou referência e atualmente é a versão mais encontrada, de maior circulação.

Hibridismos poéticos, ironia e jogos de linguagem

Ainda outra maneira de interpretar o poema é percebendo como o velho marinheiro não é o único narrador. Antes dele, há uma voz narrativa que introduz o primeiro encontro entre o velho marinheiro e o jovem convidado do casamento, que também possui a uma voz narrativa. A partir da edição de 1834, mais uma voz discursiva é introduzida por meio das glosas marginais, consequentemente, acrescentando mais uma camada narrativa. Nesse desdobramento de narradores, cada vez que a voz narrativa se distancia da narrativa central do velho marinheiro, ela também se distancia da visão religiosa, caminhando para uma interpretação mais próxima da ironia. A chave interpretativa aqui são os jogos de linguagem do poema, que está repleto de vozes que contêm e que estão contidas umas nas outras, os diferentes desdobramentos e níveis narrativos que a leitura atenta revela.

Por exemplo, o velho marinheiro que fala ao jovem convidado do casamento sobre como foi vítima da sua própria ignorância e como se tornou responsável pelo sofrimento da humanidade (o pecado original) é um homem que possui olhos esbugalhados, mãos esqueléticas e que está vestindo farrapos. Ele pode ser dito um ser transtornado, louco, não apenas por causa da sua aparência física, mas também devido à sua narrativa inverossímil, repleta de acontecimentos fantasiosos. Embora o marinheiro esteja sentenciado a contar e recontar eternamente a sua história, esse narrar (a linguagem) tem o propósito de restaurar a relação do eu com o mundo. Entretanto, parece que a linguagem não dá conta de operar essa reconciliação do *eu dividido*, ou seja, resolver a tensão entre o comportamento desnorteado do marinheiro e o seu lugar no mundo. “A balada” acaba em irresolução, tragédia e ironia, possível representação de uma vida que só se reconhece no instante em que já ficou para trás. Tais continuidades e descontinuidades da consciência, que já estão no âmago do Romantismo, hoje são conhecidas como questões da Modernidade.

O tom irônico também se manifesta no efeito que o velho marinheiro parece ter sobre o jovem convidado e na imitação de gêneros poéticos. O rapaz fica paralisado com o olhar magnético

⁵ A história de Hatley se conecta com as histórias de outros marinheiros, cujas aventuras, por sua vez, geraram outras famosas ramificações e conexões literárias. Em 1709, Simon Hatley estava no barco *Duke*, que resgatou o náufrago Alexander Selkirk, cuja história serviu de base para Daniel Defoe escrever *Robinson Crusóé* (1719). A bordo do mesmo barco também estava William Dampier, que serviu de inspiração para Jonathan Swift escrever *As Viagens de Gulliver* (1726).

do marinheiro e parece ter um verdadeiro pavor das suas histórias. Da mesma forma que os leitores da época de Coleridge se distanciaram da história do velho marinheiro, pode-se pensar que eles também irão duvidar da reação do convidado, cujo medo pueril serve ao propósito irônico. O hibridismo entre a poética clássica e a medieval, o choque entre gêneros opostos, que antes só existiam de forma separada, criam desdobramentos e distanciamentos que são indicativos da atitude irônica de Coleridge sobre os gêneros literários.

Partindo de uma visão teológica, das quais muitos escritores ainda não tinham conseguido se desligar, “A balada” desenvolve jogos de linguagem abordando formas literárias do presente e do passado, estabelecendo uma leitura poética sobre o desenvolvimento do pensamento humano, sobre o *eu fragmentado* diante da constatação da sua existência trágica no mundo. Esse é o espírito romântico que, por meio da linguagem poética, da ironia e da tragédia, chega para alterar as formas culturais e filosóficas que imperavam no final do século XVIII.

Sobre a recepção do poema e o reconhecimento literário por meio de traduções

Atualmente “A balada” se encontra traduzida em mais de trinta idiomas diferentes, todavia, mesmo no continente europeu, há um hiato de mais de trinta anos desde a publicação em 1798 até a sua primeira tradução. Considerando somente as línguas escolhidas para esta coletânea, as primeiras traduções localizadas foram a de Ferdinand Freiligrath para o alemão (1831); de Auguste Barbier para o francês (1877); de Enrico Nencioni para o italiano (1889); de B. Archer para o espanhol (1895) e a de Paulo Vizioli para o português (1995).

De certa forma, pode-se dizer que o reconhecimento literário de Coleridge se deu a partir do seu trabalho como tradutor. Ao listar os principais escritores ingleses no livro *Das Gelehrte England* (1804), Jeremias David Reuss menciona a tradução que Coleridge fez da tragédia *Wallenstein*, de Friedrich Schiller, em 1798. Logo outros de seus trabalhos passaram a circular no meio literário a exemplo de poemas selecionados publicados pelos editores franceses Baudry e Galignani no livro *The living poets of England* (1827). Posteriormente, mais poemas seus entrariam na coletânea *The British poets of the nineteenth century* (1828), de J. W. Lake, publicado simultaneamente na França e na Alemanha. O livro *The poetical works of S. T. Coleridge*, publicado por William Pickering, em 1828, 1829 e 1834, estabeleceu, por fim, a posição de Coleridge como um dos principais poetas da Inglaterra, garantindo a presença de seus poemas em antologias sobre poesia e Romantismo inglês, tanto em língua inglesa quanto em traduções para outros idiomas. Não obstante, foi realmente o poema “A balada do velho marinheiro” que consolidou o reconhecimento de Coleridge, auxiliado pelas belíssimas ilustrações que Gustave Doré (1832-1883) fez para o poema em 1876.

O poeta romântico e tradutor Ferdinand Freiligrath (1810-1876), publicou sua primeira tradução de “A balada” em um periódico (1831), depois em uma coletânea chamada *Gedichte* (1838), integrando uma seção específica de suas traduções, para, enfim, lançar o volume *Der alte Matrose*, em 1877 – o texto que utilizamos neste volume é uma versão publicada em 1924. Em seu trabalho, Freiligrath seguiu o mesmo formato de Coleridge, introduzindo o texto paralelo às margens do poema, recriando a métrica e as rimas ao longo das sete partes. Entretanto, considerando-se os contatos literários, filosóficos e acadêmicos com a Universidade de Göttingen, note-se que há somente duas traduções para a língua alemã, a de Freiligrath e a de Heinz Politzer (1910-1978), intitulada “*Der alte Seefahrer*” e publicada em 1963. Há também uma ecofábula em quadrinhos (lançada originalmente em inglês), de autoria de Nick Hayes, a qual foi publicada em alemão sob o título *Die Ballade von Seemann und Albatros: graphic novel* (2012), com tradução de Henning Ahrens.

A primeira tradução que se tem conhecimento na França foi realizada em 1877 por Auguste Barbier (1805-1882) sob o título “*La complainte du vieux marin*”, também localizada com os títulos

“*La ballade du vieux marin*” e “*La chanson du vieux marin*”. Sua tradução, diferentemente do poema de Coleridge, dispensou o recurso das rimas e da métrica, percorrendo sobre a trajetória do personagem em prosa – o poema de Coleridge inspirou renomados poetas na França, como Charles Baudelaire (1821-1867), em *Le fleurs du mal* (1861), e Arthur Rimbaud (1854-1891), em *Le bateau ivre* (1871). Não é raro encontrarmos dentro do campo dos Estudos da Tradução, referências aos obstáculos encontrados face à “intraduzibilidade” de poemas, principalmente diante de trocadilhos, jogos de palavras, ou metáforas, uma vez que tais elementos são difíceis de serem traduzidos com perfeição, por conterem diferentes níveis de significados implícitos em seus significantes. Desconhecemos se esse foi o motivo que levou Barbier a optar por um texto narrativo, resultando em um acréscimo de quase cem linhas, ou, ainda, qual seria a justificativa para a omissão das glosas marginais. A partir dessa, outras tantas se seguiram, como a do crítico e escritor Valéry Larbaud (1881-1957), tradutor de *Ulysses*, de James Joyce; a de A. Barbeau, “*La chanson du vieux marin*” (1926; 1932), que se assemelha bastante ao texto de partida em inglês em forma, rimas e paratextos;⁶ “*Le vieux marin: poème*” (J.A. Moisan, 1939); “*La ballade du vieux marin: en sept parties*” (Guy Lévis Mano, 1946); “*Le dit du vieux marin*” (Henri Parisot, 1989); e algumas mais recentes, “*La ballade du vieux marin*” (Jacques Darras, 2005; e Patrick Calais, 2015).

Pouco mais de uma década após o lançamento das primeiras traduções em francês e alemão, foram publicadas simultaneamente na Itália as versões de Enrico Nencioni (1837-1896), intitulada “*La leggenda del vecchio marinaio*” e a de Emilio Teza (1831-1912), intitulada “*La rima del vecchio marinaio*”, ambas em 1889. A obra de Nencione tem as ilustrações de Doré, assim como a do poeta Mario Luzi (1914-2005), que lançou duas edições intituladas *La ballata del vecchio marinaio*, em 1949 e 1973, e incluiu “Kubla Khan” em sua publicação dedicada à poesia simbolista. O texto de Nencione, apesar de ser uma tradução direta, seguiu os mesmos padrões da versão francesa de Barbier, isto é, com o poema em texto narrativo, sem rimas e sem as glosas marginais, as quais foram incluídas em publicações posteriores por outros tradutores. As traduções para a língua italiana são numerosas e incluem ainda “*La ballata del vecchio marinaio*” (Mario Praz, 1925; e Beppe Fenoglio, 1955, 1964); “*La rima del vecchio marinaio*” (em 1987, uma por Giovanni Giudici; e outra por Franco Buffoni); “*La ballata del vecchio marinaio: colpa ed espiazione: il mare dell’anima*” (Alessandro Quattrone, 1995); “*La ballata dell’antico marinaio*” (Piero Malvano, 2008); e mais de uma dezena de outras catalogadas, incluindo uma lançada recentemente, em 2018. Outras representações intersemióticas também adaptaram a obra, como a peça de teatro *La ballata del vecchio marinaio* (Damiano Grasselli, 2011), e duas óperas, *Ballata: opera in due atti* (Luca Francesconi, 2002) e *The legend of the ancient mariner* (Marco Sofianopulo, 2009).

Na Espanha, o escritor e tradutor Santiago Gonzalez Corugedo, em seu artigo “Traducciones y adaptaciones españolas de ‘The Rime of the Ancient Mariner’ de S. T. Coleridge” (1989), desenvolve um detalhado trabalho de investigação sobre as traduções da obra de Coleridge para a língua espanhola, que recebeu diferentes títulos ao longo dos anos. A partir da tradução de B. Archer, intitulada “*El viejo Marino*” (1895), publicada alguns anos depois das traduções lançadas na França, Alemanha e Itália, outras surgiram, tais como “*La oda del viejo mariner*”, de Eduardo Chamorro (1975), “*La balada del marinero de antaño*” (José Siles Artés, 1981); a “*Balada del viejo marinero*” (José María Martín Triana, 1982); e “*La rima del viejo navegante*” (Adolfo Sarabia Santander, 1983), para citar algumas das principais. A excelente pesquisa de Corugedo passa ainda pela tradução catalã de Marià Manent, “*Poema del vell mariner*” (1945); as traduções de Edison Simons (1975); José Maria Valverde (1989); a sua própria tradução em conjunto com José Chamosa Gonzalez (1990); e uma mais recente, “*La cancion del viejo mariner*”, de Luíz Hermán Rodriguez

6 Disponível na Biblioteca Nacional da França, em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853125j/f9.image>>.

Felder (2009). No que diz respeito à América do Sul, encontramos a tradução do colombiano Otto de Greiff, intitulada “*La canción del viejo marino*” (1998), e da argentina Karina Macció, intitulada “*La canción de viejo marinero*” (2001). A “*Balada del viejo marinero*” ou “*La rima del anciano marinero*”, na versão de Martin Triana, escolhida para integrar esta edição, é uma tradução direta de edições originais em inglês e, embora não inclua as ilustrações de Gustave Doré, utiliza o recurso paratextual à margem de seu texto, apresentando, entretanto, poucas rimas entre suas estrofes, como foi comum observar em outras traduções para o idioma espanhol.

Por fim, as horas passadas em busca de uma versão para o português de “A balada” não resultaram em mais que três traduções completas da obra de Coleridge, todas relativamente recentes. Causa certo estranhamento perceber que, diante de tantas traduções para outras línguas desde o século XIX, a primeira tradução em português europeu foi feita mais de duzentos anos após a publicação de Coleridge, com a “*Rima do velho marinheiro*”, de Gualter Cunha (2005), uma edição trilingue em inglês, espanhol e português; “*O poema do velho marujo*”, com tradução de M. António C. Costa (2013); e a recém lançada “*A balada do velho marinheiro*”, de Alberto Pimenta⁷ (2017). Os tradutores do Brasil também lançaram as primeiras edições tardiamente: “*A balada do velho marinheiro*”, traduzida pelo crítico literário Paulo Vizioli (1934-1999), é de 1995 e foi seguida das traduções de Alípio Correa de Franca Neto (2005) e Weimar de Carvalho (2006).

A versificação e métrica do poema pode ter sido um dos grandes desafios enfrentados por tradutores nas mais diversas línguas, no entanto, a tradução de Vizioli, selecionada para compor essa coletânea, não deixa a desejar. Suas estrofes compostas predominantemente por quadras (com algumas variações), apresentam quatro pés métricos no primeiro verso e três no segundo, sempre com rimas ao final do segundo e quarto versos, e, esporadicamente, rimas internas nas estrofes com seis versos. Essa forma métrica foi respeitada na versão em português em todos os versos do poema, como se pode cotejar por meio do exemplo a seguir, composto graciosamente com rimas, ritmo e aliterações em inglês, o que foi mantido por poucos tradutores em outros idiomas:

*Stunned by that loud and dreadful sound,
Which sky and ocean smote,
Like one that hath been seven days drowned
My body lay afloat;
But swift as dreams, myself I found
Within the Pilot's boat.*

*Aturdido deixou-me o som alto e medonho,
Que sacudiu o oceano e o céu;
Como afogado há sete dias (eu suponho)
Boiou o corpo meu;
Porém, com o Piloto, rápido qual sonho,
No bote vejo-me eu.*

Também fazem parte da sua publicação bilíngue as glosas marginais, o Argumento, a Epígrafe publicada por Coleridge no texto em inglês, sendo mantida sua reprodução em Latim, e traduzida em nota ao final da publicação. O papel exercido pela Epígrafe descrita a seguir, de T. Burnet, publicada em *Archaeologiae Philosophicae: sive Doctrina Antiqua de Rerum Originibus* (1692), parece ser o

⁷ A balada do velho marinheiro foi adaptada para o teatro, sob a direção de Steve Johnson, e encenada pela Companhia Teatro do Mar, de 2015 a 2017.

mesmo das glosas, isto é, o de antecipar o jogo de incertezas e contradições que surgem a partir do texto, repleto de mistérios a serem interpretados, dos quais faz parte, ainda, um texto em latim:

Facile credo, plures esse Naturas invisibiles quam visibiles in rerum universitate. Sed horum omnium familiam quis nobis enarrabit? et gradus et cognationes et discrimina et singulorum munera? Quid agunt? quae loca habitant? Harum rerum notitiam semper ambivit ingenium humanum, nunquam attigit. Juvat, interea, non diffiteor, quandoque in animo, tanquam in tabula, majoris et melioris mundi imaginem contemplari: ne mens assuefacta hodiernae vitae minutiis se contrahat nimis, et tota subsidat in pusillas cogitationes. Sed veritati interea invigilandum est, modusque servandus, ut certa ab incertis, diem a nocte, distinguamus. – T. BURNET, Archaeol. Phil., p. 68.

Com relação ao Argumento, encontrado apenas em algumas traduções, suas poucas linhas suscitam reflexões por parte do leitor, propondo um questionamento diante de situações tão inusitadas quanto incrédulas, sobre a trajetória percorrida pelo Marinheiro ao longo de sua jornada, conforme vemos:

ARGUMENT

How a Ship having passed the Line was driven by storms to the cold Country towards the South Pole; and how from thence she made her course to the tropical Latitude of the Great Pacific Ocean; and of the strange things that befell; and in what manner the Ancyent Marinere came back to his own Country.

ARGUMENTO

Como um navio, tendo cruzado o Equador, foi impelido por tempestades à Terra Fria a caminho do Pólo Sul; e como de lá fez seu trajeto para a Latitude tropical do Grande Oceano Pacífico; e das coisas estranhas que aconteceram; e de que modo o Velho Marinheiro retornou a seu próprio País.

Se alguns autores reportam a previamente mencionada ‘intraduzibilidade’ da poesia, é graças ao empenho e dedicação de outros, que clássicos como “A balada do velho marinheiro” circulam entre os públicos mais distantes no tempo e na história, apesar dos desafios e dos inúmeros obstáculos que, certamente, surgiram, como atestam as palavras de Corugedo (1989):

A tradução de poesias não é apenas possível, como também é um exercício cultural excepcional e, em muitos casos, imprescindível no sentido de aproximar um público de uma obra ou de um conjunto de obras às quais não teria acesso por não ter como entendê-la em sua língua original.⁸

As diferentes traduções que integram a edição foram selecionadas por motivos históricos, levando-se em consideração o impacto que tiveram ao serem publicadas e sua capacidade de permanecer em evidência ao longo dos anos – se o texto de Coleridge sobrevive, ao menos em parte, é por causa das traduções. Agradecemos a preciosa colaboração dos colegas Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, André Fiorussi, Andréia Guerini, Izabela Maria Drozdowska-Broering, José Roberto O’Shea, Karine Simoni, Luciana Wrege Rassier, Marcio Markendorf, Marcos Antonio Morgado de Oliveira, Maria Lúcia de Barros Camargo, Noêmia Soares e Werner Ludger Heidermann

⁸ González y Fernández–Corugedo, 1989, p.225, tradução-adaptação dos editores.

que compõem o Conselho Editorial desta edição, nos deram ótimas sugestões e ajudaram a revisar os poemas. Os textos originais estão em domínio público ou foram autorizados pelos detentores dos direitos autorais. De qualquer forma, todos os direitos pertencem aos autores e aos que lhe são conexos (Lei nº 9.610/1998), nós os colocamos à disposição do público apenas enquanto referência. Nossa coletânea tem fins educacionais e distribuição gratuita, nosso objetivo é a democratização da informação, do conhecimento e da cultura, conceitos essenciais para o desenvolvimento da educação. Finalmente gostaríamos de agradecer ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) da Universidade Federal de Santa Catarina pelo apoio que tornou possível a realização deste projeto. Os textos aparecem aqui organizados pela data de publicação: primeiro a versão do poema em inglês (a edição final de Coleridge, com as glosas marginais) e as versões para as línguas estrangeiras ordenadas cronologicamente. Cada uma dessas traduções é tão representativa da criatividade de Coleridge como da criatividade de cada um dos escritores que se aventurou a traduzir o poema.

Referências

- ASHTON, Rosemary. *The life of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford: Blackwell, 1996.
- BARBIER, Auguste. *La ballade du vieux marin*. Paris: Hachette, 1877.
- BLOOM, Harold. *How to Read and Why*. New York: Scribner, 2000
- COLERIDGE, Samuel Taylor. *The rime of the ancient mariner*. 1789.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. A balada do velho marinheiro. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Ateliê, 2005.
- FOWKE, Robert. *The real ancient mariner: pirates and poesy on the south sea*. Bishop's Castle: Travelbrief Publications, 2010.
- FREILIGRATH, Ferdinand. *Der alte Matrose*. Leipzig: C. F. Amelang, 1877.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GONZÁLEZ Y FERNÁNDEZ-CORUGEDO, Santiago. *Traducciones y adaptaciones españolas de The Rime of the Ancient Mariner de S. T. Coleridge*. Archivum 39–40 (1989), p.225–248.
- HOLMES, Richard. *Coleridge: early visions, 1772–1804*. New York: Pantheon Books. 1989.
- LOWES, John Livingstone. *Road to Xanadu*. Boston: Houghton Mifflin, 1927.
- NENCIONI, Enrico. *La leggenda del vecchio marinaio*. Milano: Tipografia Bernardoni di C. Rebeschini, 1889.
- PAGLIA, Camille. *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson*. New Haven: Yale UP, 1990.
- POOLMAN, Kenneth. *The Speedwell voyage: a tale of piracy and mutiny in the eighteenth century*. Annapolis, Md.: Naval Institute Press, 1999.
- SHAFFER, Elinor e ZUCATTO, Edoardo. *The reception of S. T. Coleridge in Europe*. London: Continuum, 2007.
- SHAFFER, Elinor. Coleridge's reception on the continent. In: Burwick, Frederick. *The Oxford Handbook of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford: University Press, 2009.
- SHELVOCKE, George. *A voyage round the world by way of the great south sea*. London: J. Senex. 1726.
- TRIANA, José María Martín. *S. T. Coleridge, balada del viejo marinero y otros poemas*. Madrid: Visor Libros, 1982.
- VIZIOLI, Paulo. *S. T. Coleridge, poemas e excertos de Bibliografia Literária*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.